

O TRABALHO INFANTIL EM TRÊS VOZES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CHILD LABOR IN THREE VOICES IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

GONZAGA, Marcos¹

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de²

RESUMO

O artigo apresenta extratos de uma pesquisa de ênfase qualitativa, desenvolvida no PPGE/UFOP. A demanda principal foi o recolhimento de narrativas biográficas com enfoque em processos de escolarização. O ponto de partida para a construção de um quadro de entrevistados foi a aplicação de um questionário a pessoas na faixa etária acima dos 50 anos, frequentes na Educação de Jovens e Adultos – EJA, em uma escola do município de Itabirito – MG. O questionário abrangeu dados pessoais e questões sobre a escolarização dos pais e o porquê do retorno atual à escola. Os dados recolhidos permitiram a seleção de pessoas para entrevistas individuais. Com fundamentos metodológicos na história oral, dá-se a ver, em três vozes, os fenômenos do trabalho infantil doméstico e da ausência e/ou precária escolarização no passado. Acreditamos que as versões das pessoas entrevistadas presentes nesse texto venham somar-se à de tantas outras que, por direito, buscam estudar ou concluir seus estudos.

Palavras-chave: Educação de Adultos. Pesquisa Qualitativa. História Oral. Narrativa Biográfica.

ABSTRACT

The article presents extracts from a qualitative emphasis research developed at PPGE / UFOP. The main demand was the collection of biographical narratives focusing on schooling processes. The starting point for the construction of a group of interviewees was the application of a questionnaire to people in the age group above 50 years frequent in Youth and Adult Education - EJA in a school in Itabirito - MG. The questionnaire covered personal data and questions about parental schooling and why the current return to school. The data collected allowed the selection of people for individual interviews. With methodological foundations in oral history, we can see, in three voices, the phenomena of domestic child labor and the absence and / or precarious schooling in the past. We believe that the versions of the interviewees present in this text will be added to those of many others who rightfully seek the EJA.

Keywords: Adult Education. Qualitative Research. Oral History. Biographical Narrative.

1 INTRODUÇÃO

Em 1973 a Organização Internacional do Trabalho – OIT adotou a Convenção nº 138 que versa sobre a Idade Mínima para Admissão ao Emprego. Este instrumento buscou substituir outros anteriores sobre a temática em questão e, principalmente, obter mecanismos de eliminação total do trabalho infantil³. À época da reunião, ocorrida em 6 de junho, Rafaela, Amarildo e Guilherme⁴ com idade de 15, 11 e 7 anos, respectivamente, se ocupavam com serviços em fazendas ao lado de seus familiares. Vivendo em cidades do interior de Minas Gerais, estas três pessoas enfrentaram na infância a ausência de estudos primários ou a sua realização de modo precário.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Docente na Rede Municipal de Ensino em Itabirito (PMI/SEMED), Itabirito, Minas Gerais, Brasil. Endereço eletrônico: gonzagamarcos45@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, Minas Gerais, Brasil. Endereço eletrônico: regina.magna@hotmail.com.

³ Para saber mais sobre a Convenção nº 138 consultar <https://www.ilo.org/brasilia/convencoes/lang--pt/index.htm>.

⁴ Nomes fictícios.

Esse artigo apresenta extratos de uma pesquisa em nível de Mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. A demanda principal foi recolher narrativas biográficas de pessoas das camadas populares com idade acima de 50 anos encontradas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O foco recaiu fundamentalmente sobre seus processos de escolarização⁵ no passado.

O texto expõe uma síntese das características fundamentais da pesquisa qualitativa. Visita duas metodologias importantes à pesquisa: a história de vida e a história oral. Discorre sobre o trabalho infantil doméstico, conforme leitura da OIT e outros autores que se debruçaram sobre o assunto. Apresenta o material recolhido em entrevista com as três pessoas a que nos referimos no início dessa introdução e, por fim, tece as considerações finais.

2 A PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa de abordagem qualitativa⁶ constitui-se num agrupamento de estratégias investigativas, com características compartilhadas, visando a compreensão do mundo social (ALVES, 1991). Lança mão da observação participante e da entrevista em profundidade (BOGDAN e BIKLEN, 1994). A primeira torna visível o mundo das pessoas que o pesquisador pretende estudar (DENZIN; LINCOLN, 2005) e a segunda, por meio de abordagem mais flexível (não estruturada, não diretiva), busca dar às pessoas a expressão livre de suas opiniões e assim captar maiores detalhes sobre a situação estudada.

Ela acontece no próprio ambiente de onde o investigador retira os dados, procurando intervir o mínimo possível no caráter natural do contexto observado. O pesquisador descreve, mais do que quantifica. Para isso se empenha na recolha de materiais como “transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos ou registros oficiais” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 48), cuidando para que não seja mutilada a identidade desse material. O processo de análise ocorre à medida que os dados vão sendo progressivamente incorporados às questões investigadas. As interpretações são construídas na composição dos dados, ao mesmo tempo em que o estudo esboçado vai emergindo no contexto pesquisado.

A importância dada ao significado atribuído pelos entrevistados é vital nas abordagens qualitativas considerando-se que cada pessoa “vê a sua vida – ou procura vê-la – como uma configuração, com um sentido” (BOSI, 1993, p. 283). Daí o interesse nos diferentes significados que as ações e acontecimentos, valores, intenções, preferências têm para as pessoas.

O extenso detalhamento dos estudos qualitativos o tendência a amostras pequenas. Chamamos história de vida o caso em que o estudo se limita a um único indivíduo cujo interesse é interpretar sua própria vida (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

2.1 A história de vida

Bronislaw Malinowski (1884-1942) sistematizou formas de abordagem aos indivíduos no trabalho de campo antropológico. Mostrou a necessidade de procedimentos que permitissem compreender

⁵ O termo camada popular refere-se à parcela pobre da população carente de atendimentos básicos em saúde, trabalho, alimentação e educação. Impossibilitada de acessar ou/e permanecer na escola em idade de direito, encontra-se abrangida pela EJA (GIOVANETTI, 2011). O termo escolarização refere-se ao processo sistemático e organizado de formação em espaços de educação escolar (a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, e a modalidade EJA). Distingue-se das experiências formativas socioculturais e políticas de pessoas jovens e adultas realizadas pela Educação Popular (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

⁶ A falsa oposição entre qualitativo e quantitativo que o termo pesquisa qualitativa sugere deve já de início ser descartada, pois a questão que se coloca é “de ênfase e não de exclusividade” (ALVES, 1991, p. 54).

o “sentido da vida” dos investigados. Desse modo insistiu no fato de que para se conhecer outras culturas (fazer etnografia), um investigador deveria se afastar da convivência com sua cultura de origem e viver entre os nativos. Aprender sua língua e participar de sua vida individual e coletiva. Para ele, somente por meio de um relacionamento natural, o etnógrafo aprenderia a conhecer e adquirir familiaridade com os costumes e crenças encontrados no universo investigado. No entanto isso não eliminaria o trabalho sistemático de coleta de dados, “de ordená-los, interpretá-los e integrá-los de modo adequado para recriar, sinteticamente, a totalidade vivida pelo nativo e apreendida pela intuição do pesquisador” (DURHAM, 1978, p. 48).

Para Franz Boas (1858-1942) as histórias de vida eram úteis ao trabalho de campo. Elas podiam indicar mudanças políticas, religiosas ou econômicas por meio de comportamentos peculiares ou mesmo desviantes em uma dada cultura. Porém, ressaltava que registros autobiográficos não são confiáveis em virtude das peças que a memória nos prega e por serem difíceis de recolher em variedade suficiente. Seriam, portanto, de valor limitado para os propósitos particulares da coleta. No máximo, serviriam para “um estudo da perversão da verdade produzida pelo jogo da memória com o passado” (MINTZ, 1984, p. 46).

Ruth Benedict (1887-1948), assistente de Franz Boas, reconheceu nas histórias de vida o valor em mostrar que as experiências vividas pelos homens, de modo compartilhado ou singular, incidem sobre eles no contexto cultural em que vivem (MINTZ, 1984, p. 47). A antropóloga realizou nos Estados Unidos em 1944 um estudo sobre a cultura japonesa⁷. Ela introduz um novo elemento ao uso de fontes escritas utilizadas no estudo do Japão pelos historiadores: a entrevista. Esta foi sua principal ferramenta de trabalho junto aos japoneses imigrados para os Estados Unidos (VOGEL, 2006). Além das entrevistas, Ruth Benedict leu abundante material sobre a cultura do Japão, assim como assistiu filmes produzidos nesse país. Recusou o uso de análises estatísticas, como vinha sendo feito por outros cientistas sociais. Para ela uma amostragem cuidadosa poderia revelar quantos japoneses eram favor ou contra o governo. Mas o que revelaria a respeito deles, sem que houvesse a possibilidade de saber o que eles pensavam a respeito do Estado (BENEDICT, 1972).

Quando a antropologia e a sociologia se tornaram disciplinas acadêmicas ocorreu um interesse crescente pelo estudo da própria cultura. A história de vida, como técnica de investigação social em contextos urbanos, remonta aos trabalhos da chamada Escola de Chicago que, nas décadas de 1920 e 1930, contribuíram enormemente para o desenvolvimento dos métodos de investigação qualitativos. A primeira publicação utilizando a história de vida é creditada ao trabalho sociológico de dois expoentes dessa Escola: William Isaac Thomas e Florian Znaniecki (BECKER, 1986). A pesquisa de campo desses dois autores, *The Polish Peasant in Europe and America*, publicada em 1927, “reuniu grande número de entrevistas e histórias de vida de pessoas que viviam na Polônia e das que haviam imigrado para os Estados Unidos” (BECKER, 1996, p. 179).

Uma das premissas fundamentais no trabalho dos pesquisadores da Escola de Chicago era a de que uma investigação deveria ser feita levando em conta o ponto de vista dos agentes no processo social investigado. A ela se ligava indissolavelmente outra, a de que os indivíduos devem ser estudados em suas interações sociais. Confluiu para a investigação uma prática que lançava mão de “documentos pessoais, tais como autobiografias, a correspondência particular, os diários e os relatos feitos pelos próprios indivíduos de que tratava a pesquisa” (COULON, 1995, p. 82). Esta prática denominada estudo de caso baseava-se em técnicas diversificadas: observação, entrevista, testemunho e observação participativa.

⁷ BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a Espada**, 1972.

Após a segunda guerra mundial a história de vida refluíu como método de pesquisa nas áreas humanas e sociais, cedendo lugar aos estudos mais quantitativos. Não obstante, o trabalho desenvolvido por antropólogos e sociólogos terá um papel importante na constituição de campos qualitativos de investigação voltados para a construção de histórias de vida, como é o caso da História Oral.

A história de vida como metodologia de investigação tem sido usada na História Oral como acesso às experiências vividas por personalidades do mundo político e outras destacadas no universo social e cultural brasileiro. Encontram-se, também, preocupações em destacar a visão social de pessoas comuns e de vozes invisibilizadas no cenário social. Nestes casos, o enfoque prioritário é dado à contextualização histórica das narrativas recolhidas. Neste estudo, procuramos valorizar as narrativas de adultos de camada popular em seu processo de escolarização utilizando-nos de alguns preceitos da história oral como sugeridos por José Carlos Bom Meihy.

2.2 A história oral de vida e a narrativa biográfica

Dentre as tipologias de entrevista listadas por Meihy (1996, 2008)⁸, interessa-nos a história oral de vida em sua modalidade narrativa biográfica, como recurso de acesso às experiências das pessoas. A história oral de vida dá importância à subjetividade do narrador. Não se questionam verdades ou falsidades. Busca-se fundamentalmente o sentido moral da experiência pessoal por meio da mínima intervenção na fala do entrevistado.

Meihy (1996) aponta a narrativa biográfica como uma variação da história oral de vida, onde o sentido da subjetividade do narrador ganha outro encaminhamento. Na narrativa biográfica procede-se a uma preocupação com o alinhamento dos fatos. Cuida-se de um “roteiro cronológico e factual das pessoas, além de dar atenção às particularidades que remetem a acontecimentos materiais e concretos julgados importantes” (MEIHY, 1996, p. 133). Neste caso, a intervenção do entrevistador se torna mais presente e ativa sem prescindir da discricção necessária.

O interesse desse estudo é dar atenção às vozes de pessoas adultas da EJA e aos acontecimentos vividos emaranhados em seus processos de escolarização. Sublinhamos que, por meio de procedimentos da história oral, estamos pouco interessados nas querelas acadêmicas sobre o dar voz aos excluídos. Concordamos com Sidney Mintz que, apesar de todos os erros que cometemos, é melhor perseguir o empreendimento de dar “voz” às pessoas do que deixar que permaneçam mudas (MINTZ, 1984, p. 55).

Realizada a entrevista, apresentam-se, em história oral de vida, três procedimentos interligados de tratamento da narrativa recolhida: a transcrição, a textualização e a transcrição. Na transcrição o depoimento gravado é reproduzido integralmente, contemplando tudo o que foi captado pelo gravador na fala do entrevistador e do colaborador da pesquisa. A textualização permite que a entrevista seja articulada na forma de um texto mais claro, omitindo-se a fala do entrevistador, trabalhando questões gramaticais e linguísticas. Deve-se atentar para o fato de que estes procedimentos não são a finalidade fundamental da textualização, mas com eles busca-se tornar a narrativa mais clara em direção a uma apresentação possível dos sentidos expressos pelo colaborador⁹. Na transcrição essa busca de maior clareza radicaliza-se em um tratamento literário

⁸ História oral de vida, história oral temática e tradição oral (MEIHY, 1996, 2008).

⁹ Para Fabíola Holanda, de acordo com o estabelecido por José Carlos Meihy, o conceito de colaborador reposiciona o lugar do entrevistado, sendo este não mais visto como mero informante, ator social ou objeto de pesquisa, ele “passa a ser a pessoa que aceitará ser entrevistada, ocupando papel preponderante na pesquisa, interferindo na feitura do texto em todos os seus estágios” (HOLANDA, 2009, p. 16. Nota de rodapé). Essa noção supõe ainda, que a pessoa entrevistada seja reconhecida, junto com o pesquisador, como coprodutora do texto.

dados à textualização. O material recolhido é ordenado criativamente, de modo a tornar clara e fluída a exposição da narrativa e perseguir “a lógica discursiva, a moral da história, o sentido ontológico da experiência” (MEIHY, 2008, p. 147).

As narrativas, que emergem das histórias orais de vida, não se detêm na exposição simples e objetiva de fatos, mas envolvem sentimentos e crenças, relacionados à vida da narradora ou do narrador, aproximando-os de quem os ouve. O recurso à narrativa é um elemento precioso de resgate da identidade de cada um, no caso específico desta investigação, das alunas e alunos da EJA, numa complexa rede de sentidos, conectando a memória individual à memória coletiva. E essas são centrais na construção da identidade das pessoas adultas e idosas.

2.3 Procedimentos da pesquisa

Em março e abril de 2018 foi realizado um levantamento do número de pessoas na faixa etária dos 50 anos ou mais, matriculadas nas turmas de alfabetização de EJA, no período noturno, em uma escola municipal em Itabirito-MG. Esta contabilização estendeu-se ao segundo semestre, devido ao acréscimo de novas matrículas. Em uma amostra de 16 estudantes adultos da EJA (6 mulheres e 10 homens) foram abordados 9 deles (6 mulheres e 3 homens)¹⁰.

Em setembro de 2018 foi aplicado um questionário abrangendo dados pessoais e questões abertas sobre os estudos anteriores à frequência na EJA atualmente, os anos de ausência escolar, o porquê do retorno à escola e a escolarização dos pais. O Quadro 1 apresenta registros do questionário e outros dados de pesquisa referentes a três das nove pessoas abordadas.

Quadro 1: Dados pessoais e escolares.

Pessoas	Rafaela	Amarildo	Guilherme
Ano de nascimento	1958	1962	1966
Idade	60	56	52
Naturalidade	Congonha/MG	Materlândia/MG	Itabirito/MG
Estado Civil	Casada	Solteiro	Casado
Profissão/Ocupação	Trabalha em casa	Manutenção	Aux. de serv. gerais
Escolarização materna e paterna	Ausente	Ausente	Ausente
Séries frequentadas na infância	1 ^a , 2 ^a	Nenhuma	Nenhuma
Séries frequentadas na adolescência	2 ^a	1 ^a	Nenhuma
Séries frequentadas na vida adulta antes de adentrar a EJA atualmente	1 ^a	Nenhuma	Nenhuma
Séries frequentadas na EJA atualmente	1 ^a , 2 ^a , 3 ^a , 4 ^a	1 ^a	1 ^a , 2 ^a , 3 ^a , 4 ^a
Anos sem frequentar a escola	43	49	42

Fonte: Questionário, documentos escolares, anotações de campo.

¹⁰ Quanto a esse momento quantitativo, lembramos a afirmação de Maria Isaura de Queiroz: uma investigação de ênfase qualitativa, como no caso das histórias de vida, pode se encontrar tranquilamente ao lado de “técnicas quantitativas como a da amostragem, desde que cada uma delas seja aplicada a um momento específico da pesquisa” (QUEIROZ, 1991, p. 20).

Finda essas duas fases, cumpriu-se sete entrevistas individuais exploratórias, visando aprofundar temas evidenciados nas respostas ao questionário: experiências em contato com os pais, os motivos de uma escolarização precária ou inexistente na infância, assim como aspectos da vida adulta relacionados ao processo de escolarização. A solicitação “Conte-me sua história de vida desde seu primeiro contato escolar, onde estudou, como foi essa etapa na sua vida e quais motivos o (a) levaram a se afastar da escola” guiou as entrevistas procurando seguir um roteiro cronológico e factual.

Após a transcrição e textualização das entrevistas as narrativas foram construídas enfocando os temas citados. Utilizou-se do processo de transcrição típico da história oral de vida, mas não prescindindo de informações advindas das fontes coletadas antes e durante as entrevistas.

Veremos que nas três narrativas apresentadas mais adiante há uma forte incidência do trabalho infantil doméstico.

3 O TRABALHO INFANTIL DOMÉSTICO

Em vários momentos históricos a criança vem sendo explorada em trabalhos que excedem suas forças e prejudicam sua vivência da infância. Os relatos mais antigos do trabalho infantil no Brasil correspondem ao período da escravidão quando filhas e filhos de escravos exerciam tarefas acima de suas capacidades físicas acompanhadas dos pais. No final do século XIX e início do século XX, o processo de industrialização contribuiu para o confinamento e trabalho de crianças em fazendas e fábricas como medida disciplinar. Próximo de nossa época é a cultura da educação pelo trabalho que tem como alvo as crianças pobres e de acordo com o preceito de que esta é a melhor forma de se evitar a delinquência e a criminalidade. Atualmente o trabalho infantil é condenado, não sem controvérsias, já que há uma lógica naturalizada da educação pelo trabalho. E não se pode esquecer que a realidade contundente da pobreza e da desigualdade social conduz muitas famílias a lançar mão do trabalho dos seus filhos como modo de sobrevivência (RIZZINI; FONSECA, 2002, KASSOUF, 2007).

O trabalho infantil doméstico é entendido pela OIT como um conjunto de serviços desenvolvidos por meninas e meninos com idade abaixo de 15 anos. Executados em produção familiar para autoconsumo ou na prestação de serviços, civis ou jurídicos e a outros. Implicando o impedimento ao acesso, rendimento e permanência na escola, esses trabalhos em geral são realizados em ambientes perigosos, capazes de causar efeitos negativos a curto e longo prazo. Ocorrem em condições que afetam o desenvolvimento psicológico, físico, moral ou social de crianças e adolescentes de ambos os sexos.

Entende-se, a partir desta definição, que trabalhos que não afetem a saúde de meninas e meninos ou adolescentes e que não tragam prejuízos à sua escolarização são considerados positivos. Eles podem contribuir para um desenvolvimento saudável da família como um todo (OIT, 2004). O trabalho dessa forma pode não ser incompatível com a frequência à escola, tanto no âmbito doméstico, quanto fora dele. Cabe às políticas públicas averiguar as diferentes situações em que se encontram crianças e adolescentes que se ocupam de qualquer tipo de serviço. O que demanda empreendimento a “longo prazo, sobretudo para favorecer a melhor inserção das crianças e adolescentes no sistema escolar” (SCHWARTZMAN, F. F.; SCHWARTZMAN, S. F. 2004, p. 2).

4 TRÊS VOZES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

4.1 Rafaela

Eu comecei a ir à escola por volta dos oito anos. As professoras eram como se fossem mães da gente. Muito bravas. Elas tinham ordem de bater: vara de marmelo e puxão de orelha. Não descansavam enquanto a gente não aprendesse. Eu era muito lenta nos estudos e a professora muito nervosa comigo. Quase não aprendia.

Meu pai *tocava carvoeira*. Mudávamos constantemente de cidade e era difícil estudar. Nós moramos em Engenheiro Corrêa, Miguel Burnier e no Calado¹¹. No Calado meu pai demorou a nos matricular na escola. Caminhávamos a pé, por mais de uma hora, eu e mais dois irmãos acompanhados de três colegas. Estudamos por um ano mais ou menos. Depois meu pai arrumou serviço em Rio das Pedras onde ficamos por cinco anos. Eu e minha irmã mais nova estudávamos a noite. Não chegamos a frequentar seis meses a escola.

Ao completarmos dez anos era costume meu pai nos tirar da escola. Meu irmão mais velho foi o primeiro. Mas eu estudei até os quinze anos para acompanhar e cuidar da minha irmã mais nova. Nós duas sempre frequentamos a mesma sala. Quando eu tinha quase dez anos o pai olhava para mim e dizia: “tá quase na hora”. Desde cedo ele já nos levava para o mato para empilhar lenha. Ele picava e nós empilhávamos. Eu devia ter uns doze anos e me lembro de que minha irmã aos sete já empilhava lenha junto comigo. Nas épocas em que serviço apertava, ele nos chamava: “vocês hoje não vão à escola, precisam me ajudar”.

Lá em casa nós éramos dez filhos. Minha mãe era muito trabalhadeira. Não sabia ler e nem escrever, assim como meu pai. Mas ela sempre cuidou de nós e ajudou na carvoeira. Meu pai tinha o vício dele. Quando ele desaparecia de casa, às vezes por três, quatro ou cinco dias, minha mãe pegava o serviço junto com a gente. Nós íamos ajudá-la a picar lenha, cozinhar carvão e esvaziar o forno. Havia dias em que faltava mantimento em casa e ela saía para pedir. Nós não íamos à escola.

Ficávamos felizes quando meus pais compravam arroz e podíamos usar o pacote para colocar o material escolar: o caderno, o lápis e a borracha.

Lá pelos meus quinze ou dezesseis anos eu comecei a namorar. Já havia passado para a segunda série quando meu pai se mudou novamente. Depois disso a gente não foi mais à escola. Ficamos só trabalhando na carvoeira. O pai não gostava que trabalhássemos em casa de família ou em firma. Não passava pela cabeça dele que nós tínhamos que trabalhar fichados. Era só no mato e na carvoeira ao lado dele.

Eu me casei aos dezessete anos. Mais tarde, já morando em Itabirito eu arrumei serviço no comércio. Primeiro trabalhei como faxineira, mas eu sentia cansaço e dor nas mãos. Pedi para ser transferida de setor. Fui para a perfumaria fazer abastecimento. Tinha que anotar os preços dos produtos e aí me enrolava. Eu não sabia ler. Perguntava um e outro. Eu agarrei porque tinha que perguntar muito e não podia. Fui então para outro setor e, mesmo assim, continuei tendo dificuldades. Mas a firma tem que subir. É assim! Então eu fui dispensada.

Depois disso eu voltei a estudar. Mas logo parei de novo. Meus filhos estavam pequenos e fiquei com pena de deixá-los em casa sozinhos. Mais tarde quando eles já estavam maiores eu voltei de novo pra escola e de novo abandonei. Não faz muito tempo que voltei de novo. Eu comecei

¹¹ Estas e todas as localidades citadas nas narrativas das três pessoas entrevistadas pertencem a regiões do interior de Minas Gerais. Para conferência consultar os sítios do IBGE e da Prefeitura Municipal de Itabirito, referenciados no final do artigo.

na 1ª e hoje já estou na 4ª série. Tenho arrependimento de não ter retornado a mais tempo. Eu poderia já estar trabalhando em qualquer serviço. Ainda tenho vontade de trabalhar fora de casa.

Foi muito bom voltar a estudar. Nem passava pela minha cabeça. Há uns tempos atrás eu fui levar uma parenta ao hospital em Belo Horizonte. Fiquei aguardando diante do consultório e comecei a ler o que estava escrito em um cartaz na parede. Disse para mim mesma: agora eu estou sabendo onde eu estou, que benção! Antes eu não conseguia ler, tinha dificuldades até para andar de ônibus.

Recentemente eu telefonei para a irmã que sempre me acompanhou à escola. Ela disse que não iria mais. Sempre que ela decidia parar de estudar, eu também parava. Mas dessa vez eu vou continuar. Agora eu vou continuar.

4.2 Amarildo

A vida era muito difícil em Sabinópolis. Na casa dos meus pais usava-se luz de querosene. As paredes eram de barro branco de pau a pique. Não tínhamos banheiro dentro de casa. As mães ganhavam os filhos na roça com ajuda de uma parteira. Somente eu nasci no hospital em Materlândia.

Éramos nove filhos. Meu pai era vaqueiro e trabalhava para os outros em fazenda. Minha mãe era costureira. Eles cobravam muito o trabalho, principalmente da gente que era mais velho. Tínhamos que ajudar a criar os irmãos mais novos. Fomos criados na rédea curta. Tínhamos que levantar cedo da cama, debulhar milho, capinar o quintal, moer cana e carregar lenha.

Eu e minha irmã carregávamos cada um, nas costas, meia quarta de fubá depois de tê-lo moído na fazenda para minha mãe fazer angu. Meu pai antes de sair de madrugada dava ordem para capinar o mato: “quando chegar eu quero ver tudo limpo”. Tínhamos ainda que arrastar feixes de lenha amarrados em cipós pela mata afora. Ele chegava e nós íamos moer cana na engenhoca para fazer café. Desde os meus sete ou oito anos foi assim.

Um dia eu e minha irmã fomos levar milho pra moer na fazenda. Na volta estávamos com uma saca de fubá nas costas. Passávamos por uma moita de bambu e uma cobra picou a menina. Não vimos o bicho na escuridão da noite. Minha mãe ficou assustada. Meu pai chegou do serviço, pegou um cavalo da fazenda e saiu montado com minha irmã. Eles saíram umas sete horas da noite e só chegaram ao lugar para benzer à uma hora manhã.

Sabinópolis era uma zona rural que não tinha acesso a nada. Quem quisesse estudar tinha que ir à cidade do Serro. Gastava-se meio dia para ir e meio para voltar. Eu só fui estudar por volta dos meus dezessete anos. Meu pai já havia se aposentado e comprado uma casa no Serro. Então eu pude estudar. Eu trabalhava durante o dia ajudando meu pai e depois ia à escola. Largava as aulas às dez e meia da noite e às vezes chegava em casa quase meia noite. Era muito pesado fazer as duas coisas.

Eu estava evoluindo nos estudos, apesar de cochilar nas aulas. A professora me dizia: “Amarildo, eu vejo que você tem boa vontade para aprender. Reconheço o seu trabalhado pesado. Isso me deixa orgulhosa. Não posso esforça-lo muito, mas vou fazer o máximo por você”. Apesar de ter se aposentado meu pai continuou a trabalhar em fazenda. Na época dos meus estudos, ele arrumou serviço em uma fazenda distante da cidade. E eu tive que acompanhá-lo. Eu lhe perguntei: ô pai agora eu vou ter que sair da escola? Ele respondeu: “agora não tem como você estudar mais. A fazenda é muito longe”. E não havia mesmo. Não tinha bicicleta e os donos de fazenda não davam nada. Só se preocupavam em arrancar o couro da gente. Não tinha como ir a cavalo.

Os cavalos da fazenda eram usados para levar lenha na cidade. E era eu quem fazia esse serviço. Na primeira viagem eu vendia a lenha e, com o pouco dinheiro que meu pai recebia, comprava açúcar e arroz. Se fosse possível fazer uma segunda viagem, eu comprava sabão e pó de café. Em certas ocasiões meus pais pediam remédio para os irmãos menores.

Eu só tive um dinheirinho meu mesmo quando aos dez anos trabalhei quebrando pedra no meio de dez ou doze homens.

As coisas vão entrando na vida da gente e a gente se perde. Todos nós nos perdemos e temos que nos concentrar para retomar a linha reta. Se eu tivesse continuado na escola, hoje eu já estaria formado. Eu queria ser um cara da lei. Eu tinha esse objetivo.

Eu não tenho escolaridade, mas nunca desrespeitei a ninguém. Eu é que fui desrespeitado. Volta e meia as pessoas abusam do meu bom senso dizendo que eu não fui isso ou aquilo e que não sou capaz.

Dizem que “cavalo velho não aprende a marchar”. Aprende sim. Depende do desejo de se aperfeiçoar. Eu sou assim, apesar do jeito como fui criado. Tenho a dignidade de tentar. E é por isso que eu voltei para escola. Quero aprender a ler e desembaraçar as coisas adiante. Quem sabe ter um emprego e uma vida melhor.

Depois que deixei de trabalhar com meu pai eu andei por várias cidades. A maioria dos meus serviços foi como vaqueiro, a profissão que aprendi. Atualmente eu trabalho em empresa.

Meus pais ainda são vivos. Às vezes eu ainda digo a eles: o estudo me faz falta. Antigamente vocês colocavam a gente só para trabalhar. Tenho vergonha de voltar para a escola na idade em que estou. Sinto-me humilhado quando uma pessoa pergunta se eu não sei ler. O que vocês têm a me dizer sobre isso? Eu fico preocupado, é claro. Porque eles estão velhos. Mas também me preocupa a minha falta de estudo.

Eu voltei a estudar no meio do ano de 2018. Estou na 1ª série. Começando do zero. Eu chego em casa, troco o uniforme da empresa, passo uma água no rosto e vou pra escola. Minha vida é essa correria, mas estou indo bem.

A gente não faz nada na vida se não tiver o apoio de alguém. Eu estou na escola porque minha companheira me incentivou. Os dias passam e a gente vai enfrentando os obstáculos. Cada dia aprende uma coisinha.

4.3 Guilherme

Eu tinha cinco anos quando comecei a estudar. Nós morávamos em Mainart, um lugar de difícil acesso à escola. Não havia estrada de carro, só trilho de tropa. Andávamos uns três ou cinco quilômetros a pé pela mata. Algumas pessoas iam à cavalo. Mas lá em casa nós tínhamos somente o Peri, um cavalo danado que derrubava a gente no chão.

Meu pai era carvoeiro. Minha mãe enchia e esvaziava o forno junto com ele. E Nós tínhamos que ajuda-los pra poder nos alimentar. A gente puxava lenha, enchia o forno e carregava o caminhão de carvão. Aos cinco anos eu já trabalhava com meu pai. Ele cortava lenha, pegava as toras mais grossas e eu as mais finas. Empilhávamos tudo. Quando retirávamos o carvão do forno, ele enchia um balaio com molhos pequenos e jogava nas minhas costas. Eu virava em um monte para carregar o caminhão que levava tudo para a Usina Esperança em Itabirito¹².

¹² Inaugurada em 1888. Considerada “o primeiro alto forno da fase moderna da siderurgia nacional” (ALFONSO-GOLDFARB; NASCIMENTO; FERRAZ, 1993, p. 7).

Era muito sofrido. Mas era bacana ouvir meu pai dizer: “sábado o pai vai à rua, trazer bala e chiclete”. Isso nos dava alegria e coragem para trabalhar. Não tínhamos roupa direito. Minha mãe comprava pano de saco, tingia com anil azul e nos vestia. Usamos Conga, sapato Vulcabras e Kichute. Usei muito Kichute, era gostoso demais!

Nossa casa era um rancho de pau a pique com telhado de sapé. O colchão era feito com palha de milho coberto com um pano. Ficava sobre uma tarimba com ripas. À noite a gente dormia com o calor do fogão de lenha e ouvindo a zoeira da palha. Era bom demais!

Um dia meu pai e meu irmão mais velho saíram às quatro horas da manhã pra tirar uma fornada de carvão. Por volta das seis horas o forno começou a pegar fogo. Meu pai tentou apagar e a explosão do gás o derrubou. Meu irmão não estava por perto nesse momento. Havia ido até em casa buscar um café. Quando chegou viu o fogo se aproximando do meu pai. Ele gritou minha mãe. Ela veio e fez uma coisa que não podia: jogou água no corpo quente do meu pai. Eu me lembro da choradeira e minha mãe nos acalmando: “não é preciso chorar, seu pai está vivo”. Ela derramou água aos poucos na cabeça dele e ele foi voltando a si. Não havia telefone por perto. Um vizinho foi a cavalo avisar o dono da fazenda. Trouxeram um caminhão e levaram meu pai para o hospital em Cachoeira do Campo. Desse dia em diante ele não foi mais a pessoa forte que costumava ser. Teve que se aposentar. Minha mãe e meus irmãos mais velhos continuaram a cuidar dos fornos de carvão. Nossa família foi se mantendo também com a ajuda da aposentadoria-invalidez do meu pai.

Eu tive que me afastar da escola. Estudei somente uns três meses. Não cheguei a fazer a primeira série. Eu queria estudar. A gente via as pessoas irem à escola e dava aquela vontade, mas não tinha jeito. Tínhamos que ajudar nosso pai.

Lá em casa somente a minha irmã caçula teve a oportunidade de estudar. Na época nossa família já não mexia mais com carvoaria e nós havíamos nos mudado para Itabirito. Ela foi morar na casa de uns conhecidos e eles a colocaram na escola. Eu trabalhava o dia inteiro numa fazenda mexendo com criação de gado. Domingos, feriados e dias santos. Com chuva ou sol quente. Tirava leite e levava para venderem na cidade. Rapava curral, arrumava cerca, cortava capim pra tratar do gado. Às vezes o curral estava barro puro e a gente tinha que calçar bota de borracha, vestir uma capa e *chegar o rei*.

Eu trabalhei com meu pai dos cinco aos dezenove anos. Quando completei dezoito, eu me senti dono do nariz e comecei a invernar a cara na cachaça. Ia para as bailadas e voltava para casa de madrugada. Passava o domingo com os colegas e não me importava com estudo. Nessa época eu assinei minha carteira pela primeira vez. Trabalhava a noite. Não tinha tempo para estudar.

Aos 49 anos me despertou o desejo de aprender a ler e escrever. Porque a gente precisa empregar e tem que ler e assinar um termo. Dar entrevista. Às vezes é preciso pedir que alguém leia pra gente. Nem todo mundo faz isso. É muito sofrimento esperar pela boa vontade das pessoas ensinarem a gente.

Hoje, aos 52 anos eu estou fazendo a 4ª série. Não é fácil estudar e trabalhar. Mas Deus dá a recompensa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1999 a OIT, em sua octogésima sétima reunião, complementar à convenção nº 138, adotou a Convenção nº 182. Nessa reunião foram consideradas medidas quanto a eliminação efetiva das piores formas de trabalho infantil, com recomendações para

a criação de ações imediatas e abrangentes diante da importância da educação básica gratuita e a necessidade de liberar de todas essas formas de trabalho as

crianças afetadas e assegurar a sua reabilitação e sua inserção social ao mesmo tempo em que são atendidas as necessidades de suas famílias¹³

A OIT reconheceu ainda que o trabalho infantil é causado pela pobreza e que a solução em longo prazo deve ser buscada “no crescimento econômico sustentado, que conduz ao progresso social, sobretudo ao alívio da pobreza e à educação universal” (idem).

Em 1999 Rafaela, Amarildo e Guilherme, com as idades de 41, 37 e 33 anos, respectivamente, e passados 26 anos da quinquagésima oitava reunião da OIT, ainda não haviam conseguido completar ou iniciar os estudos primários, uma realidade que reverbera em outras localidades deste nosso imenso país.

No texto, procuramos apresentar vozes de três pessoas com idade acima de 50 anos, alunos e alunas nas turmas de EJA de uma escola municipal em Itabirito-MG. Para reelaborar e compreender suas experiências fizemos uso de procedimentos metodológicos da história oral de vida guiados por alguns de seus motivos para a prática no recolhimento da oralidade: “Escutar a voz dos excluídos; trazer à luz realidades ‘indescritíveis’; dar testemunhos das situações de sofrimento extremo” (JOUTARD *apud* MEIHY, 2006, p. 195).

O que procuramos destacar foi a incidência do trabalho infantil doméstico presente nas narrativas, conforme definido pela OIT e outros estudiosos do assunto. As vozes presentes nesse texto vêm somar-se à de outras tantas pessoas que, “não tendo tido o acesso e/ou permanência na escola, em idade que lhes era de direito, retornam hoje, buscando o resgate do mesmo” (GIOVANETTI, 2011, p. 244).

REFERÊNCIAS

- ALFONSO-GOLDFARB, A. M.; NASCIMENTO, C. A. R.; FERRAZ, M. H. M.. Um estudo sobre a moderna siderurgia no Brasil – O caso da Usina Queiroz Júnior. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 3-12, 1993.
- ALVES, J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 77-61, 1991.
- BENEDICT, R. **O Crisântemo e a Espada** – Padrões da cultura japonesa. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- BECKER, Howard. Biographie et mosaïque scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, Vol. 62-63, juin 1986, pp. 105-110.
- BECKER, H. A Escola de Chicago. Conferência proferida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional da UFRJ em 1990. Rio de Janeiro, **Mana**, 2(2): 177-188, 1996.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOSI, E. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, São Paulo, 4(1/2), p. 277-284, 1993.
- COULON, A. **A Escola de Chicago**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In. N. DENZIN; Y. LINCOLN (Eds). **The sage handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, Califórnia: Sage, 2005.
- DURHAM, E. **A reconstrução da realidade**: um estudo sobre a obra etnográfica de Bronislaw Malinowski. São Paulo: Editora Ática, 1978.
- GIOVANETTI, M. A. A formação de educadores de EJA: o legado da educação popular. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 108-130, Mai/Jun./Jul./Ago. 2000.
- HOLANDA, F. Construção de narrativas em história oral: em busca dos narradores plenos. **Oralidades**, São Paulo, v. 3, n. 6, p.15-32, jul./dez. 2009.

¹³ OIT. **Convenção N° 182**. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/convencoes/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 09 set. 2019.

- IBGE. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso: 29 jul. 2018.
- ITABIRITO. **Dados geográficos**. Disponível em: <http://www.itabirito.mg.gov.br/ descubra-itabirito/dados-geograficos/>. Acesso em: 29 jul. 2018.
- KASSOUF, A. O que conhecemos sobre o trabalho infantil? **Nova Economia**, Belo Horizonte, nº 17, v. 2, p. 323-350, mai./ago. 2007.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. Loyola, São Paulo, 1996.
- MEIHY, J. C. S. B. Os novos rumos da História Oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, São Paulo, nº 55, p. 191-203, 2º sem. 2006.
- MEIHY, J. C. S. B. Palavras aos jovens oralistas: entrevistas em história oral. **Oralidades**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 141-150, jan./jun. 2008.
- MINTZ, S. Encontrando Taso, me descobrindo. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 45-58, 1984.
- OIT. IPEC/ Sudamérica. **Perfil del trabajo infantil doméstico en Brasil, Colombia, Paraguay y Perú. Contexto, estudios y resultados**. Lima: OIT/ IPEC Sudamérica, 2004.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- RIZZINI, I; FONSECA C. **As meninas e o universo do trabalho doméstico no Brasil - Aspectos históricos, culturais e tendências atuais**. Brasília: OIT, 2002.
- SCHWARTZMAN, F. F.; SCHWARTZMAN, S. F. **O trabalho infantil no Brasil**. Rio de Janeiro, UFRJ: 2004. Disponível em: http://www.schwartzman.org.gr/simon/trab_inf2004.pdf. Acesso em: 11 set. 2019.
- VOGEL, E. **El crisantemo y la spada – Patronas de la cultura japonesa (Prefácio)**. Madri: Alianza Editorial, p. 4-7, 2006.
- Documentos**
- Listagem de matrícula e histórico escolar de educandos das turmas de alfabetização de EJA da escola Centro Educacional Municipal de Itabirito – Professor Alcides Rodrigues Pereira (CEMI).
- Entrevistas**
- Rafaela**. Entrevista realizada em 06 de outubro de 2018 na residência da entrevistada.
- Amarildo**. Entrevista realizada em 27 de outubro de 2018 na residência da companheira do entrevistado.
- Guilherme**. Entrevista realizada em 16 de outubro de 2018 na residência do pesquisador.

Submetido em 11 de Setembro de 2019.

Aprovado em 11 de Abril de 2020.